O CAMINHO DO MAIS FORTE

Breve comentário sobre o prólogo do Evangelho de Marcos

José Raimundo Oliva

Marcos, pioneiro ao redigir sua obra literária sobre Jesus e seu discipulado, criou um gênero literário próprio, que foi chamado de "evangelho", segunda palavra de seu texto.

Quando Marcos redigiu seu Evangelho, já estava difundida nas comunidades a mensagem fundamental sobre Jesus Cristo, sob a forma de esparsas coleções de "ditos" de Jesus, bem como credos e hinos que lembravam a encarnação, a crucifixão e a ressurreição. A pregação de Paulo, por exemplo, é toda centrada na morte e ressurreição de Cristo. Procurando, então, preencher uma lacuna, Marcos constrói uma obra unitária sobre a vida de Jesus. Ao redigir, ele tem presente as experiências atuais de sua comunidade, usa, também, algumas fontes que o inspiraram, e dá à sua obra um caráter acentuadamente apocalíptico.

O Evangelho de Marcos consiste em mostrar Jesus, Filho de Deus, atuando entre homens e mulheres, na história. Não se trata de transmitir uma doutrina ou princípios éticos de vida. Tal aspecto é extremamente atual, no sentido em que este Evangelho nos ajuda a perceber, hoje, a ação salvífica e libertadora de Deus, em uma realidade conflitiva e de opressão vivida, particularmente, na nossa América Latina.

"Princípio do Evangelho..." (1,1). Pode-se entender que o "princípio" do Evangelho é o prólogo, centrado no batismo de João e de Jesus, seguindo-se o Evangelho a partir do início do ministério de Jesus, a partir de 1,15. A abordagem deste prólogo (1,1-15) nos permite identificar o seu caráter apocalíptico e de síntese do Evangelho que o segue.

Prólogo (1,1-15)

Inicialmente e de passagem, é interessante apontar a semelhança, que podemos perceber, entre a estrutura do prólogo de Marcos e a adotada, posteriormente, no Apocalipse de João:

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS

Marcos	Apocalipse
v. 1 ... "Evangelho" (*eu-angelion*) de Jesus Cristo, Filho de Deus	v. 1 "Apocalipse" (*apo-kalypsis*) de Jesus Cristo: Deus lha concedeu...
v. 2 ... está escrito no profeta Isaías: ... *envio o meu mensageiro* (*angelon*)	v. 2 Ele (Deus) a manifestou... por meio de seu Anjo (*angelon*), enviado ao seu servo João
v. 3 ...*voz que clama*..	v. 3 ...Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia...
v. 15 "Cumpriu-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo...	v. 3 ...o Tempo está próximo.

Marcos anuncia o "Evangelho" e João o "Apocalipse" de Jesus Cristo, Filho de Deus ou por concessão divina (v. 1). Evangelho e Apocalipse são manifestações de Deus, através dos profetas, Isaías e João (novo Elias), como mensageiros (em grego *angelon*) (v. 2). A voz que clama terá ouvintes ou leitores de sua profecia (v. 3). O cumprimento do tempo apocalíptico significa a chegada do Reino (Mc 1,15; Ap 1,3).

Marcos começa a sua narração com a palavra "princípio"[1], provavelmente, como uma alusão a Gn 1,1, porém, agora, como princípio da nova criação. Ele escolhe a palavra "evangelho" para exprimir o conteúdo de sua narração. O termo helenista "evangelho" (*eu-angelion*) tinha o sentido de "notícias de vitória" em uma batalha; no Império Romano o termo foi associado à ideologia de exaltação imperial, particularmente no anúncio das visitas do imperador, revestido de divindade. Marcos, ao usar a palavra evangelho, certamente quer, em contraposição, dar destaque maior ao anúncio profético da boa-nova contida em Is 40,9; 52,7 e, especialmente, em 61,1 onde o profeta é enviado como mensageiro da libertação dos pobres cativos. Marcos, provocativamente, anuncia a chegada, não do imperador, mas sim do Reino de Jesus, Ungido e Filho de Deus, e prenuncia o conseqüente confronto com o Império Romano e com a Sinagoga e o Templo.

Eis que soa a palavra do profeta e a voz do mensageiro[2] que clama no deserto (1,2). Marcos cita Ml 3,1, remetendo assim à mensagem apocalíptica de Malaquias que denuncia a situação de opressão exercida pelos sacerdotes do templo de Jerusalém aliados com o império persa. Em Malaquias, o mensageiro enviado para "construir"[3] o caminho é o Anjo da Aliança de Ex 23,20, que, vindo, segue diante do povo que

1. "Princípio" é também a palavra usada por João no começo do prólogo de seu Evangelho.

2. O mensageiro ou anjo são duas traduções da mesma palavra grega. Os anjos eram compreendidos como sendo seres celestes que agem como enviados de Deus para efetivar alguma ação ou comunicar alguma mensagem.

3. Marcos, ao fazer a citação de Ml, escolhe o verbo que significa, mais propriamente, *construir*, abrir o caminho, dando o sentido mais radical de algo novo, em lugar de "preparar", comumente adotado nas traduções, que pode dar a idéia de fazer uma arrumação no já existente. Em Is 11,16 é um caminho como o que houve no dia da subida do Egito; em Is 62,10 é o caminho construído pelo povo, na restauração messiânica.

caminha no deserto e o conduzirá à terra prometida[4]. Porém, a seguir, Malaquias adverte: "Quem poderá suportar o dia de sua chegada?" (Ml 3,2). Será o dia de Javé que vem como o "fogo do fundidor" ou a "lixívia dos lavadeiros": realiza-se o julgamento escatológico tão esperado. Deus vem para o julgamento contra "os adivinhos, contra os adúlteros, contra os perjuros, contra os que oprimem o assalariado, a viúva, o órfão, e que violam o direito do estrangeiro... sem temê-lo" (Ml 3,5). Na seqüência de Marcos, o mensageiro será João, sucedido por Jesus.

A seguir (Mc 1,3) vem a citação de Is 40,3: a voz do mensageiro clama no deserto, e não no Templo (Ml 3,1). Marcos fará referência ao "deserto" nove vezes. Tem o sentido de lugar excluído, periferia, sem recursos e onde reina a fome (Mc 8,2-4). É o lugar do povo oprimido em fuga (êxodo), lugar onde o justo perseguido encontra a proteção de Deus (Elias em 1Rs 19,3-8) e, neste sentido, é usado na descrição do combate na literatura apocalíptica (Ap 12,6.14). É o lugar, também, onde Deus fala ao coração procurando resgatar a memória do Êxodo (Os 2,16). Contemporaneamente a Marcos, o deserto pode, ainda, ser identificado como o local de refúgio dos movimentos proféticos e revolucionários, de resistência ao Império Romano.

O recurso didático da repetição é bastante usado por Marcos: com a citação de Isaías, em continuidade com a de Malaquias, novamente aparece o "caminho". O "caminho" é uma das mais importantes chaves de leitura de Marcos: ele "constrói" o seu Evangelho tendo como eixo narrativo o caminho apocalíptico de Jesus, que de início se faz à margem do "mar" da Galiléia, depois através do "mar", através da Galiléia, seguindo para Jerusalém. E, depois da consumação apocalíptica na glória da cruz, é o caminho de volta para a missão na Galiléia. É o caminho escatológico anunciado em Ml 3,1s, através do qual se dá a esperada chegada de Javé para o "dia" do julgamento.

O primeiro mensageiro

João, o primeiro mensageiro[5], no deserto, proclama o batismo da conversão[6], para a remissão dos pecados (1,4). Marcos confirma a realização do anúncio profético de Isaías no "deserto", para onde, agora, se dirigia "toda a região da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém" (1,5), abalando a função centralizadora do Templo e criando um movimento popular, o que gerará a insegurança nas elites do poder em Jerusalém

4. Fazendo um paralelismo, Marcos, no encerramento de seu Evangelho, coloca o anúncio, feito pelo jovem vestido com túnica branca, de que o ressuscitado precede os discípulos na Galiléia, para a continuação da missão, na Galiléia, assim como o Anjo da Aliança que segue diante do povo e o conduzirá à terra prometida.

5. O mensageiro da citação de Ex 23,20 e Ml 3,1, em Marcos dá margem a uma tríplice interpretação: o mensageiro é: 1) João, enviado diante de Jesus para construir o seu caminho, 2) Jesus, enviado diante dos discípulos para construir o seu caminho, 3) o evangelista, enviado diante da comunidade, para construir (criando o evangelho) o seu caminho.

6. A palavra grega *metanoia* significa conversão, mudança de vida. A mudança concreta de vida será a expressão do arrependimento e alcança a remissão dos pecados.

e no império[7]. Marcos introduz, então, na narração o batismo (*baptisma* = imersão) que já era uma prática nas comunidades cristãs, bastante presente na catequese de Paulo. O batismo, no tempo de Jesus, era uma prática ritual já adotada pelos essênios, como rito de adesão à vida religiosa comunitária na perspectiva de fuga do mundo. João inova e traz este rito como sinal de conversão dos pecados para aqueles que estão no mundo, e nele continuarão, na expectativa de um mundo novo. O próprio contraste natural entre o deserto e a água da imersão, do rio Jordão, simboliza o grande conflito iminente: alguém anuncia o perdão dos pecados fora dos trâmites legais do Templo.

João proclama a vinda do segundo mensageiro

A figura de João descrita por Marcos (1,6) lembra o profeta Elias (2Rs 1,8) e a descrição de sua alimentação corresponde à alimentação austera e simples do homem do campo e não dos privilegiados da cidade: trata-se de um profeta entre os excluídos.

João tinha consciência de que era forte em sua mensagem; contudo proclama a vinda do "mais forte" do que ele (1,7). Pode-se pensar aqui em uma referência à missão do Servo de Javé, Is 49,24-25: "Por acaso pode alguém arrancar ao forte ("valente" na tradução da BJ) a sua presa? Pode alguém libertar o prisioneiro de um tirano? Pois bem, assim diz Javé: Sim, o prisioneiro será arrancado ao forte, e a presa do tirano será libertada". Podemos também supor, neste "mais forte", a evocação de Jeremias que se sente dominado por Deus, "forte demais" (Jr 20,7), o qual no seu combate contra a opressão "livrou a vida do pobre da mão dos perversos" (Jr 20,13).

João mergulha[8] na água, para um renascimento, porém Jesus, o mais forte, mergulhará no espírito divino (1,8). Se Marcos inicia o prólogo com uma referência à origem do mundo ("início" Gn 1,1), aqui encerra o breve relato da proclamação de João Batista com nova referência a esta origem: a água e o espírito de Deus ("o espírito de Deus pairava sobre as águas": Gn 1,2). O "mais forte" completará o mergulho nas águas primordiais com o mergulho no espírito divino, dom da nova vida, unindo, em uma nova criação apocalíptica, céus e terra. Mais tarde (10,32-34) Jesus, ainda enigmaticamente, prepara os discípulos para compreenderem que o seu mergulho no espírito é o mergulho na morte, através da cruz. Contudo, na narração de Marcos, permanece ainda algum mistério sobre o anúncio do batismo com o espírito, que será feito pelo mais forte. Cria-se, assim, uma certa expectativa que nos prepara para a continuidade do texto, com as cenas fortemente apocalípticas do batismo de Jesus e de sua tentação.

7. Flávio Josefo narra que João era tido pela corte de Herodes como ameaça subversiva para o império.

8. Ao lermos ou ouvirmos a palavra *batismo*, logo imaginamos o padre jogando água na cabeça da criancinha, ou as gravuras de João Batista derramando água na cabeça de um neófito. Por isto usamos, alternativamente, algumas vezes, não o termo grego "batismo", mas o seu sentido literal: imersão, mergulho. De maneira semelhante, em lugar de Espírito Santo (1,8), pois aqui Marcos não está se referindo à terceira pessoa da Santíssima Trindade, usamos a tradução "espírito divino", com letras minúsculas.

Marcos inicia uma nova cena, tendo como elementos de fundo a água (do rio Jordão) e o deserto, e como personagens Jesus, o Espírito e Satanás, acrescentando-se as feras e os anjos. A cena fica delimitada com sua abertura no v. 9, com a vinda de Jesus da Galiléia e seu encerramento nos v. 14-15, quando Jesus "veio para a Galiléia", versículos estes que são elemento de transição para as narrações do ministério de Jesus.

O batismo de Jesus

No meio da multidão que procura João, vem um homem comum, Jesus de Nazaré, da Galiléia, o qual é mergulhado por ele no Jordão (1,9). O suspense deixado pela narração anterior, da proclamação de João, levaria a esperar o aparecimento de um personagem de destaque. Contudo Marcos faz questão de descrever Jesus, que entra em cena, pelo seu caráter humano comum. Posteriormente, Mateus e Lucas vão engrandecer a figura de Jesus narrando seu nascimento milagroso e sua linhagem genealógica; tal tipo de narrativa foi evitado por Marcos, que dá ao seu Evangelho um sentido mais austero, no sentido de evitar possíveis leituras triunfalistas. A chegada deste homem mais forte sobre o qual desceu o espírito, Jesus, vindo da periferia, Nazaré da Galiléia, consolida a tensão deserto/Jerusalém esboçada no v. 5.

Segue-se a cena de epifania, densamente apocalíptica: Jesus (que havia sido mergulhado nas águas, por João) sobe das águas, isto é, para o alto. Ao mesmo tempo os céus se rasgam e o Espírito, sob a forma de uma pomba, desce até ele, enquanto vem uma voz dos céus: "Tu és meu filho amado, em ti me comprazo" (1,10-11). Três textos do Antigo Testamento são esclarecedores para ajudar o leitor a melhor compreender quem é o "mais forte" que está sendo introduzido nesta cena: 1) a meditação de Is 63,19b–64,2a: "Oxalá que fendesses o céu e descesses... para dares a conhecer o teu nome aos teus adversários; as nações tremeriam perante a tua face, ao fazeres prodígios que não esperávamos"; 2) a apresentação do Servo de Javé, em Is 42,1: "Eis o meu servo que eu sustenho, o meu eleito, em quem me comprazo. Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o julgamento às nações"; 3) o salmo 2,7, de expectativas messiânicas e escatológicas: "Vou proclamar o decreto de Javé: Ele me disse: "Tu és meu filho, eu hoje te gerei". Com estas alusões intertextuais Marcos sugere o caráter de consumação apocalíptica de seu Evangelho.

Completa-se a proclamação de João, e o mistério que havia parece clarear-se: se no caos primordial o espírito pairava sobre as águas, agora aquele homem sobe das águas e o Espírito desce dos céus sobre ele, revelando a nova criação. O obscuro espírito de Deus que pairava sobre as águas primordiais agora revela-se como o Espírito de Deus presente neste homem. E este é o homem mais forte, porque é o Filho amado, é portador e está cheio do amor de Deus, comunicado através do Espírito. E este forte amor vai conduzir o homem Jesus para onde? Para uma vida confortável e segura na cidade de Jerusalém? Para a vida de prestígio e poder do Templo?

O combate com o adversário

Jesus, conduzido pelo espírito de amor, vai para o deserto onde é tentado pelo "adversário"[9] e vivia entre as feras, e os anjos o serviam (1,12-13). A tentação pelo "adversário" nos faz pensar no livro de Jó (cf. Jó 1,6-12), cujo conteúdo é o conflito teológico entre Jó e os legalistas tradicionais, defensores da doutrina da retribuição. Ainda, no decorrer de seu Evangelho, Marcos vai mostrar Jesus "tentado" por seus adversários políticos, que dele se aproximam para acusá-lo e intimidá-lo (8,11; 10,2; 12,14-17). É contra esta tentação que advertirá seus discípulos às vésperas de sua prisão (14,38). Jesus e o adversário, em combate, têm, respectivamente, os seus parceiros apocalípticos: os anjos e as feras. Tendo feito alusões a Malaquias e Isaías, Marcos introduz Daniel, com sua dimensão apocalíptica. Além da imagem de Daniel entre os leões e o anjo que o serve (Dn 6,17-24), podemos pensar, com especial destaque, nas feras do capítulo 7 de Daniel. Este capítulo terá especial importância na narração apocalíptica de Marcos, particularmente no v. 14: "A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram" (cf. também Dn 3,49; 10,13-14). Posteriormente João, no Apocalipse, utilizará as imagens das feras e dos anjos (Ap 8,2; 11,7; 13,1-18).

João proclamava o batismo da conversão, alcançando-se assim a remissão dos pecados. Jesus procura o batismo. Será ele um pecador arrependido? O arrependimento leva a uma *metanoia* que significa conversão como mudança de mente, de maneira de viver, de valores. Jesus vem, não como exemplo de arrependimento dos pecados, mas sim como exemplo de *metanoia.* Na pregação de João, em Mateus e, principalmente, em Lucas, percebe-se que a conversão implica a prática social, a partilha e o respeito à vida. A partir do encontro com João Batista, Jesus vive e é um exemplo de conversão rompendo com as estruturas opressoras de sua sociedade, optando por uma vida na periferia, solidário com os excluídos e oprimidos, amando-os com um amor que liberta e dá dignidade e vida. A nova criação começa com uma ruptura com a ordem estabelecida. Tal prática é uma ameaça aos poderes que, todos eles, só subsistem a partir da exploração das massas humanas humilhadas, despersonalizadas, tímidas e submissas. A prática subversiva de Jesus no deserto deflagra o combate com o adversário e as feras do poder.

Marcos anuncia que a grande luta apocalíptica histórica está em andamento, com a grande "novidade" surgindo, não nos ambientes do Templo, mas na periferia. No Evangelho que segue, Marcos desenvolve este combate apocalíptico da luta de Jesus com os demônios, realizando-se no confronto de autoridade com os escribas[10], tendo como referência básica o confronto entre o "homem forte" e o "mais forte" (3,23-30).

9. Marcos usa o termo grego *satanâs*, que é um hebraísmo, cuja tradução é adversário, ou o acusador. A simples tradução portuguesa "satanás", comumente, desperta em nós apenas imagens fantasiosas desvinculadas da realidade.

10. Marcos introduzirá progressivamente, no seu Evangelho, os adversários de combate. No confronto com a sinagoga e o Templo aparecerão os escribas, os fariseus, chefes dos sacerdotes (Sumos Sacerdotes), saduceus, herodianos, anciãos; no confronto com o Império: Herodes, a legião, César e Pilatos.

Intermédio

Com uma curta narrativa, com um salto no tempo e na história, Marcos encerra o seu prólogo-resumo (1,14-15), fazendo a articulação com as narrações do ministério de Jesus.

A partir do drama da prisão de João, faz a transição João-Jesus, agora na Galiléia, na proclamação do Evangelho de Deus, anunciado no v. 1. Cumpriu-se o tempo! Sentença-chave na proclamação reveladora de Jesus e na construção do caminho! Em Daniel, ao qual Marcos nos remete (Dn 7,22; confira também os v. 14 e 18), "veio o tempo em que os santos possuíram o reino": o reino é o império de Antíoco Epífanes. Marcos quer ser tão histórico no seu Evangelho como Daniel no seu apocalipse. Este Reino de Deus e dos santos está em uma proximidade iminente, já está acontecendo. E qual é a prática do Reino? "Convertei-vos", abandonai Jerusalém e vinde viver no deserto, libertai-vos do poder e mergulhai no espírito. "E crede no Evangelho". Marcos usa uma palavra-chave de extrema importância: crede. O "crer" é fundamental na revelação de Javé, no Antigo Testamento, e no anúncio apostólico, no Novo Testamento. Abraão creu em Javé e sua fé levou-o à prática da justiça (Gn 15,6; cf. Rm 4,3). Agora também, no Evangelho que segue, a fé, com a oração (11,22-25; cf. 9,29; 14,38), pode conferir aos discípulos a força maior que permitirá que eles expulsem os demônios da sinagoga (1,23-26) e lancem os demônios do império e o monte do Templo ao mar (5,9-13). É desta maneira que os discípulos são convidados a seguir o "caminho" construído pelo "mais forte", vivendo os novos céus e a nova terra, em um combate que os mergulhará na glória do batismo de Jesus.

Alimentando esperanças

O conteúdo teológico deste prólogo é o combate apocalíptico que se consuma aqui na terra: o combate desce dos céus para a terra, combate este que se dá entre o Filho amado e o poder religioso, sediado na sinagoga e no Templo, e o poder do império, com sua imagem estampada no dinheiro. Em seu prólogo, Marcos delineia uma teologia histórica, na qual os fatos históricos são em si mesmos revelação de Deus. E, ainda mais, trata-se do desfecho apocalíptico na história, estabelecendo-se, não o "meio", mas o "fim" de uma "história" de opressão e morte e o "início" de uma nova "história" de vida plena para todos. Caracterizar-se-ia, assim, o apocalipse histórico e cristão: a vida gloriosa no Reino é uma realidade, hoje, contudo em combate com as forças satânicas da divisão e da morte. Encontramos, assim, no Evangelho de Marcos, uma fonte atual que pode alimentar as esperanças das comunidades cristãs e do povo em geral, inserindo a todos no Reino de fraternidade, partilha e vida, tornando a todos mais fortes, vencendo as forças do império do dinheiro que se alimenta devorando vidas.

Bibliografia

CEBI. *Introdução Geral aos Evangelhos. Evangelhos de Marcos e Mateus.* Série "Roteiros para Reflexão". S. Leopoldo: Contexto, 1998.

CRB. *O sonho do Povo de Deus*. Col. Tua Palavra é Vida – n. 7. S. Paulo: CRB / Loyola, 1996.

MACKENZIE, John L., SJ. *Dicionário Bíblico*. S. Paulo: Paulinas, 1984.

MATEOS, Juan/CAMACHO, Fernando. *Marcos – Figuras e Símbolos*. S. Paulo: Paulinas, 1992.

MATEOS, Juan/CAMACHO, Fernando. *Marcos – Texto e Comentário*. S. Paulo: Paulus, 1998.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse – Reconstrução da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TREVIJANO, Ramón. *Comienzo del Evangelio – Estudio sobre el prólogo de San Marcos*. Burgos: Aldecoa S.A., 1971.

José Raimundo Oliva
Rua Tabatinga, n. 84, Cordeiro
50640-210 Recife, PE